

## Artigo

## As cinzas do passado: região, memória e identidade em *Coivara da memória*, de Francisco J. C. Dantas

The ashes of the past: region, memory and identity in *Coivara da memória*, by Francisco J. C. Dantas

Las cenizas del pasado: región, memoria e identidad en *Coivara da memória*, de Francisco J. C. Dantas



**Eduarda Crislaine Pereira**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil  
eduardacp7@gmail.com



**André Tessaro Pelinser**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil  
andre.pelinser@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho analisa como o romance *Coivara da memória*, de Francisco J. C. Dantas, dialoga com o regionalismo literário. Inicialmente, apresenta-se uma breve reflexão introdutória sobre o regionalismo na literatura brasileira, seguida de uma discussão dos posicionamentos da crítica literária e do escritor acerca de sua filiação à tradição regionalista. A seguir, examina-se a articulação entre identidade, memória e região no romance, com base na percepção do protagonista sobre as relações familiares e as práticas sociais locais. Conclui-se que Dantas, por meio da rememoração de um personagem recluso, recupera símbolos do regionalismo, atualiza o trabalho com a matéria regional e renova a tradição literária brasileira.

**Palavras-chave:** Francisco J. C. Dantas; regionalismo; memória; identidade; espaço.

**Abstract:** This paper analyzes how the novel *Coivara da Memória*, by Francisco J. C. Dantas, dialogues with literary regionalism. Initially, a brief introductory reflection on the problem related to regionalism in Brazilian literature is presented, followed by a discussion of the positions of literary critics and the writer regarding his affiliation with the regionalist tradition. Next, the articulation between identity, memory, and region in the novel is examined, based on the protagonist's perception of family relationships and local social practices. It is concluded that Dantas, through the memories of an imprisoned character, recovers symbols of regionalism, updates the uses of the regional material, and renews Brazilian literary tradition.

**Keywords:** Francisco J. C. Dantas; regionalism; memory; identity; space.

**Resumen:** Este artículo analiza cómo la novela *Coivara da memória*, de Francisco J. C. Dantas, dialoga con el regionalismo literario. Inicialmente, se presenta una breve reflexión introductoria sobre el regionalismo en la literatura brasileña, seguida de una discusión sobre las posiciones de los críticos literarios y del escritor respecto de su afiliación a la tradición regionalista. A continuación, se examina la articulación entre identidad, memoria y región en la novela, a partir de la percepción que tiene el protagonista de las relaciones familiares y las prácticas sociales locales. Se concluye que Dantas, a través de la rememoración de un personaje encarcelado, recupera símbolos del regionalismo, actualiza el trabajo con el material regional y renueva la tradición literaria brasileña.

**Palabras-clave:** Francisco J.C. Dantas; regionalismo; memoria; identidad; espacio.

Submetido em: 29 de julho de 2024

Aceito em: 20 de março de 2025

Publicado em: 10 de junho de 2025

## 1 O regionalismo e sua problemática

A literatura regionalista tem sua origem no Brasil no século XIX, com o romantismo, movimento marcado na nossa história literária por seu anseio de construir, por meio da ficção, a imagem da nação. Naquele contexto, igualmente nutrido pelo desejo de emancipação da literatura brasileira, um regionalismo ainda embrionário passa a se desenvolver. De acordo com Ligia Chiappini (1994, p. 670), em um primeiro momento, os românticos tematizam o índio e, após a independência política, elegem também os brasileiros à margem dos grandes centros urbanos como símbolo de brasilidade. Nesse segundo momento, desenha-se o regionalismo na literatura brasileira, embora, à época, essa vertente literária ainda não estivesse conceitualmente sistematizada e não recebesse essa designação.

Desse modo, interessados na afirmação da nacionalidade e na autonomia de nossa literatura, os escritores brasileiros passam a utilizar os elementos do localismo como matéria ficcional imprescindível. A princípio, as obras que têm como temática os elementos do interior do país são bem acolhidas pelo público e pela crítica, tendo como grande nome da primeira leva de regionalistas o escritor José de Alencar, por ser quem melhor representou, por meio dos seus romances, as particularidades das regiões do país. Contudo, não demorou para que o localismo passasse a ser visto como insuficiente para a autonomia da literatura brasileira.

Um nome significativo para essa mudança de tom por parte da crítica é o do escritor Machado de Assis, por efeito da publicação do artigo *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*, em 1873. No texto, originalmente publicado em Nova Iorque, Machado assinala não ser possível à literatura brasileira alcançar sua emancipação somente pela cor local, ainda que acredite que uma literatura jovem “deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região” (Assis, 2008, p. 1205). Apesar de o escritor não recusar a matéria regional, e sim ter a intenção de separar cor local e independência literária, a crítica

parece tomar o que foi dito por Machado como um veredito contra a cor local, tendo como consequência, segundo Marisa Lajolo (2003, p. 315), a sistematização de uma visão negativa acerca do regionalismo. Com isso, essa literatura logo é reduzida a obras que têm por traço fundamental

[...] a fixação de tipos, costumes, e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. Assim entendido, no início do período aqui estudado, o regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao providencialismo, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de “cor local” (Pereira, 1988, p. 175, grifos nossos).

É certo que essa visão reducionista se refere a um regionalismo literário incipiente. No entanto, o pensamento crítico pouco mudou no decorrer do tempo. Em contrapartida, esse modo de vislumbrar o regionalismo ocasionou momentos de embaraço para a própria crítica, quando esta se viu diante de obras de grande valor literário que lidam com elementos distintos dos que imprime a *civilização niveladora*. Nessas ocasiões, os críticos frequentemente incorreram em contradições para explicar como é possível essas obras alcançarem qualidade literária, mesmo tendo como temática matéria regional.

Conforme Chiappini (1994, p. 699), a fórmula encontrada para resolver o problema foi a seguinte: quando as obras que possuem elemento regional conseguem atingir o padrão de qualidade considerado das grandes obras, não se trata de literatura regionalista, trata-se de literatura nacional; por outro lado, caso a obra não consiga atingir esse padrão, torna-se regionalista. Em síntese, o método adotado pela crítica nega ao regionalismo as obras de boa qualidade, sob o argumento de que elas transcendem o regional. Como resultado, reforça-se o pressuposto de que literatura regionalista e qualidade literária caminham em sentidos opostos.

## 2 Francisco Dantas e o regionalismo

Na atualidade, para uma parcela importante da crítica e dos escritores nacionais, o regionalismo já não tem lugar na literatura brasileira, seja porque se acredita que terminou junto com o seu melhor momento, o romance de 30, seja porque “coloca-se a ideia de que o regionalismo teria sido ‘superado’ com a narrativa rosiana, como se o ‘super regionalismo’ identificado por Antonio Candido significasse a sentença de morte da representação do dado local” (Santini, 2011, p. 81). Essas perspectivas talvez justifiquem a surpresa da crítica ao se defrontar na contemporaneidade com obras de escritores brasileiros que ainda utilizam elementos historicamente associados ao regionalismo. Diante disso, não causa estranheza o modo como o livro *Coivara da memória*, do escritor sergipano Francisco J. C. Dantas, lançado em 1991, foi recebido. O crítico literário Alfredo Bosi (2017, p. 467), após afirmar que as duas primeiras obras de Dantas, *Coivara da memória* e *Os desvalidos*, “abriram de modo promissor o último decênio do século”, tece o seguinte questionamento: “Regionalismo ainda?”. Para o crítico essa pergunta provoca outras mais pertinentes:

[...] teriam, acaso, sumido para sempre as práticas simbólicas de comunidades inteiras que viveram e vivem no sertão nordestino, só porque uma parte da região entrou no ritmo da indústria e do capitalismo internacional? É lícito subtrair ao escritor que nasceu e cresceu em um engenho sergipano o direito de recriar o imaginário da sua infância e de seus antepassados, pelo simples fato de ser ele professor da universidade ou digitar os seus textos em computador? (Bosi, 2017, p. 467).

Em matéria intitulada “O que restou do Regionalismo?”, publicada no caderno de Cultura do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2008, é possível encontrar posicionamentos de escritores e estudiosos da literatura que podem servir como resposta aos questio-



namentos feitos por Alfredo Bosi. A título ilustrativo, para o escritor Moacyr Scliar<sup>1</sup>, o Brasil mudou, está industrializado, urbanizado, o sistema de comunicação avançou, as redes de televisão levam para todo o país “uma linguagem mais uniforme”, e “o resultado de tudo isso é que o regionalismo perdeu terreno, inclusive na literatura”. Por sua vez, para o poeta Everardo Norões, “ser regionalista hoje é voltar-se para o próprio umbigo. Um conceito que deveria ser abolido da crítica literária”. Luiz Antonio de Assis Brasil possui opinião semelhante, pois considera que “devemos, a bem da limpeza conceitual, não usar mais o termo regionalista para os casos contemporâneos. A higiene literária assim o deseja”.

A única avaliação divergente pertence a Antonio Carlos Viana, para quem “a palavra regionalismo adquiriu, ao longo do tempo, marcas que foram estigmatizando-a. Hoje, não há escritor que goste de ser chamado de regionalista.” Por isso, na sua visão, a questão reside atualmente em encontrar o tom certo da linguagem, não em evitá-la: “Agora, o grande desafio que se coloca ao escritor é como falar desse universo sem recorrer ao pitoresco, ao engraçadinho, à fala típica do homem rural. Deixar de falar desse mundo é impossível, porque ele existe e grita para ser ouvido.” Tendo em vista os depoimentos apresentados, fica evidente que para muitos autores a representação do dado local permanece um problema na literatura brasileira. Além disso, os depoimentos sinalizam que o regionalismo não é um incômodo somente para a crítica literária, mas também para os escritores nacionais.

No que se refere a Francisco Dantas, são escassos os posicionamentos do autor com relação ao regionalismo e à vinculação da sua literatura a essa corrente literária. Mas, em entrevista ao *Jornal Rascunho*, em 2020, pode-se perceber que o escritor possui um tom mais moderado sobre o assunto, visto que, quando questionado acerca do regionalismo e se considera a si mesmo um escritor regionalista, Dantas não procura se desvencilhar da tradição.

<sup>1</sup> Todas as opiniões de escritores transcritas a seguir estão publicadas no texto do jornal *O Estado de S. Paulo*, que não possui indicação de autoria, conforme bibliografia ao final do trabalho.

Em primeiro lugar, afirma que “este tema é muito controverso e polêmico. Já fez correr, em vão, muita tinta” (Dantas, 2020, p. 7). Em seguida, acrescenta:

Como se vê na resposta anterior, pessoalmente, não dou relevância à polarização centro/periferia, urbano/rural. Acho mesmo que o tema extrapola o domínio da arte. É importante sim, mas, pelo menos como base, deve ser tratado fora da literatura. Como a maior parte dos leitores é urbanizada, e como os estudos e as decisões sobre a literatura ocorrem nas metrópoles, acho natural o prestígio atual das obras ambientadas nas cidades, em detrimento das obras classificadas de regionais [...] Mas quando vejo toda a cultura que conheci, as raízes daquilo que nos faz quem somos, caminharem para o lixo da História, só me resta tentar vivificar seus resíduos, buscar identificá-los e retê-los. *Se a isso se dá o nome de “regionalismo” – que seja!* (Dantas, 2020, p. 8, grifo nosso).

Diferentemente de muitos dos seus pares, o escritor sergipano não rechaça a tradição. Ademais, confere caráter relevante ao regionalismo literário ao tecer a seguinte consideração a respeito de sua obra mais recente, *Uma jornada como tantas*: “É, portanto, uma literatura que corre, quer queiram quer não, à margem e na contramão das leis do consumo.” (Dantas, 2020, p. 8). Em busca de matéria ficcional, Dantas recorre às suas raízes, tendo como fonte primordial a memória do cenário, da região e da linguagem de sua infância: “Aí se abeberam todas as minhas narrativas, de *Coivara da memória* a esta *Jornada*” (Dantas, 2020, p. 6).

Para Eliana Chiossi (2010, p. 82), “a memória, na literatura, pode ser uma estratégia de visitar autores e obras, estilos ou escolas”. Estratégia ou não, é certo que o romance de estreia de Francisco Dantas dialoga com autores e obras do passado. Conforme aponta a própria Chiossi (2010, p. 82), “seu enredo sintetiza, especialmente, os romances constituintes do ciclo da cana de José

Lins do Rego, com resquícios de obras de outros autores, especialmente Graciliano Ramos, do qual ele mimetiza a atitude de narrador”. Esse diálogo entre Dantas e seus antecessores regionalistas foi percebido com bons olhos por José Paulo Paes:

[...] ao reatar certos fios temáticos do romance de 30 no seu livro de estreia, Francisco J. C. Dantas quis possivelmente mostrar a riqueza de instigações que podem ainda oferecer ao ficcionista de hoje. Instigações que ele soube desenvolver com marcante originalidade numa obra onde tradição e invenção se completam e se enriquecem mutuamente (Paes, 2013, p. 12).

Sob outra perspectiva, é possível que, aos olhos de alguns leitores e estudiosos da literatura, o contato de Francisco Dantas com uma tradição e com temas considerados do passado represente certa fraqueza de originalidade, sugerindo que sua escrita esteja presa a moldes prontos. Talvez tenha sido esse o entendimento do jornalista Marcelo Coelho (1997), ao apontar que o segundo livro de Dantas, *Os desvalidos*, tinha “um estilo ‘igualzinho’ ao dos seus grandes antecessores regionalistas, só que cheirando a tinta fresca”.

No que se refere a esse ponto de vista, segundo o crítico literário T. S. Eliot (1989, p. 38), é comum direcionarmos o olhar para um novo escritor em busca do que lhe é particular, ou seja, a procura da “diferença que o separa poeticamente de seus antecessores, em especial os mais próximos”. Mas, ainda segundo o crítico, se olharmos “sem esse preconceito, podemos amiúde descobrir que não apenas o melhor, mas também as passagens mais individuais de sua obra podem ser aquelas em que os poetas mortos, seus ancestrais, revelam mais vigorosamente sua imortalidade” (Eliot, 1989, p. 38). De fato, um dos méritos da obra de Francisco Dantas reside justamente no diálogo com seus predecessores, por meio do qual recupera os resíduos do passado e atualiza a tradição literária.



### 3 Região, memória e identidade

A narrativa de *Coivara da memória* é toda construída tendo como base as memórias de um escrivão encarcerado há mais de um ano em seu próprio cartório, por suspeita de ter matado por vingança o poderoso coronel Tucão de Rio-das-Paridas, cidadezinha localizada no Nordeste. Na agricultura, coivara é uma técnica que tem por característica básica colocar fogo no solo em que se pretende plantar, com o intuito de fertilizar esse chão com as cinzas. No romance de estreia de Francisco Dantas, é a memória desse escriba cinquentão, de nome não identificado, que passa metaforicamente pelo processo de coivara. É do seu cartório, “convertido em casa-cadeia – alegam até que unicamente para o meu regalo!” (Dantas, 2013, p. 44), que esse personagem, também narrador, relembra o seu passado, dessa vez sem o olhar pueril do menino de engenho.

As circunstâncias que desencadearam o aprisionamento do protagonista são reveladas gradualmente, conforme sua narrativa flui entre as lembranças remotas e os acontecimentos mais recentes. Nesse percurso, o leitor conhece todas as etapas de sua vida: a infância feliz de menino da bagaceira criado pelos avós maternos no Engenho Murituba; o período inicial da adolescência vivido em um orfanato na cidade de Aracaju, para onde foi levado abruptamente por um de seus tios, em comunhão com os demais, somente para separá-lo da companhia do avô, receosos de que o velho senhor de engenho contemplasse o menino no testamento; por fim, a vida adulta como escrivão solitário na cidadezinha de Rio-das-Paridas, sem qualquer perspectiva de futuro, saudoso dos avôs, da época no Murituba e do amor de Luciana – mulher que trouxe vigor para sua existência, mas que também foi o estopim para avivar antigos ressentimentos.

O escriturário, enquanto aguarda a decisão da justiça pelo homicídio do coronel Tucão – crime que diz não ter cometido –, na busca de acalantar o coração desesperançado, debruça-se sobre sua memória, como se esta fosse sua válvula de escape: “o único

consolo que me sobra é a espetada de lembranças onde me afundo, desentranhada das vísceras dos antepassados que ficaram grudadas nos olhos de menino” (Dantas, 2013, p. 16). Malgrado tente se desvencilhar das recordações associadas aos acontecimentos desastrosos que sucederam em sua vida e busque apenas se prender nas lembranças mais confortáveis, o escrивão logo percebe ser impossível tentar reter o aparecimento de certas reminiscências:

Bem que tenho tentado conviver apenas com as recordações agradáveis, mas, coitado de mim... Mal aprumo o espinhaço por conta do acalento que recebo delas, logo me vejo assoberbado por imagens inimigas e supliciado por uma expectativa inarredável que me espremam os miolos com uma impertinência diabólica (Dantas, 2013, p. 16).

Segundo Jörn Seemann (2002, p. 44), “embora a memória seja basicamente um processo interno, a sua projeção não se realiza em um vazio: a memória precisa de espaço para ser ativada e estimulada”. Para o pesquisador, os lugares concretos da realidade, com seus eventos e acontecimentos, com suas representações visuais e não visuais, podem servir como referências espaciais e avivar a memória, até mesmo daqueles que não podem revisitar os lugares do passado. Essa ligação entre memória e espaço não demora a ser assinalada em *Coivara da memória*. Logo no início da narrativa, é o som do sino da igreja de Rio-das-Paridas ao fim da tarde que relembra o escrивão dos tempos em que essas mesmas badaladas eram produzidas por Hurliano sineiro, ecoavam pelo município e, anunciando o horário das ave-marias, estendiam-se até o Engenho Murituba,

[...] onde chegavam ainda esbanjando tenência para pôr termo à jornada dos agregados que, empunhando os enxados de quatro libras, arquejavam e se esvaíam na limpa de roçados e canaviais. – São as chamadas de Hurliano! – diziam aliviados: as mulheres se benzendo e os homens se descobrindo (Dantas, 2013, p. 16).

O pensamento de Seemann está em consonância com as concepções do sociólogo francês Maurice Halbwachs, que assinala em seu livro *A memória coletiva* (1990, p. 143) que somente é possível recuperar o passado através do espaço, em virtude de ser o espaço uma realidade que dura. De acordo com sociólogo, é o ambiente material que nos cerca que conserva o passado. Por essa razão:

É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (Halbwachs, 1990, p. 143).

Em harmonia com o que é apontando por Halbwachs, antes de ter a liberdade subtraída, era para o Engenho Murituba que o escritor se dirigia quando desejava recordar o passado de menino: “Esfregando o corpo no cheiro dessa paisagem, ainda hoje fecundada a vozes e apelos que vêm se desenrolando de muito longe, eu me embrulhava em tiras de lembranças” (Dantas, 2013, p. 20). Agora, na impossibilidade de revisitar o Murituba, o escritor retorna a esse espaço – “cujo bafo de decadência convida a que os passantes se benzam e se descubram como se cruzassem por um cemitério” (Dantas, 2013, p. 28) – por meio da memória, fixando, inicialmente, seu pensamento na recordação da velha paineira do engenho, por ser essa a referência espacial mais significativa para ele. Assim, é a partir da reconstrução memorialista dessa velha árvore, de onde contemplava o engenho quando em liberdade, que suas lembranças afloram, e o Engenho Murituba novamente se ergue:

Pendurado da teia de seu fascínio, que se cruza e recruza na minha memória, aperto os olhos para esquecer estas paredes onde me trancafiaram e, sovertido não impor-

ta em quê, me transporto menino enfeitado para a sua sombra, a esta hora, toda furada pelas réstias oblíquas do sol já derreado. Sob o jugo encantatório de sua aragem o aquele vira este, o antes é agora, o pretérito caminha para o presente, tudo se achegando para o meu lado em cantigas de sortilégio (Dantas, 2013, p. 20).

A afeição do escrивão pela árvore tão simbólica da região, onde tem enterrados o umbigo e o primeiro dente de leite, é ilustrada em várias passagens do romance, sendo a mais expressiva quando declara que a paineira possui sua alma: “acaricio e lavo a rubro vinho a minha faia, ciente de que enquanto ela estiver viva ficarei a salvo, visto que o seu ventre contém o meu espírito” (Dantas, 2013, p. 39). Esse vínculo do protagonista com a velha paineira marca, no romance, a importância do ambiente regional para as suas reminiscências e deixa, com isso, mais evidente a ligação entre espaço e memória, reforçada em vários outros momentos no transcorrer da narrativa, sobretudo em contraposição ao cárcere em que o personagem se encontra.

Acrescente-se ainda que o elo entre esses dois elementos se revela tão intrínseco que é possível perceber a paineira, árvore igualmente conhecida como barriguda, não apenas como um espaço da memória, mas também, simbolicamente, como mãe da memória: “Por favor, respira comigo, paineira, respira...” (Dantas, 2013, p. 21). Grande detentora das lembranças do velho Engenho Murituba, é como se apenas ela pudesse dar à luz as memórias dos tempos de outrora:

Plantada neste ângulo estratégico do pasto da porta, favorável à captação de todos os movimentos de suas adjacências, esta *barriguda*, sedentária e longeva por origem, é a mais fiel testemunha de toda uma enfiada de mudanças físicas ou inaparentes que por aqui se desenrolaram. [...] Na finitude deste percurso, cresceu comigo esta *mãe vegetal*, encorpou-se e estirou-se, engordou no meio, fazendo do *ventre arredondado um depósito de lembranças* (Dantas, 2013, p. 50, grifos nossos).

É a partir das primeiras recordações trazidas pela árvore que o narrador protagonista faz uma espécie de quadro do espaço do Murituba e da região, com seus antigos viventes e suas práticas costumeiras. Recorda o galo cego de pescoço pelado que também aproveitava a sombra da árvore. Rememora as revoadas dos pássaros vira-bostas e os gritos do avô para que João Miúdo lhe desse a espingarda. Lembra-se do carro de boi e do paciente e maneiroso seu Ventura, o velho carreiro. Somente após dedicar um instante de sua memória ao pé da barriguda o escrivão se desloca mentalmente para o antigo engenho, para reviver minuciosamente a vida com/dos seus antepassados, em busca de melhor compreendê-los, para assim conseguir entender a si próprio enquanto sujeito desse lugar.

Embora o Engenho Murituba se revele na narrativa como o grande lugar da memória do romance de Francisco J. C. Dantas e a barriguda se configure como o grande portal de entrada para o passado, o cartório convertido em cela também é, para o escrivão, um depósito de lembranças, em razão de ser um espaço imerso em imagens significativas de dois importantes personagens de sua vida, o avô e o pai. Foi neste cartório que o escriturário assistiu às inúmeras audiências presididas pelo velho senhor de engenho, das quais até hoje guarda imenso remorso por nunca ter tido coragem de sair em defesa daqueles que seu olhar de menino julgava isentos de culpa: “o menino que nunca interferiu a favor das vítimas que lhe pareciam inocentes, e que por isso mesmo vive afogado nas culpas nebulosas desse antigo espelho embaciado” (Dantas, 2013, p. 45). Já no que concerne ao seu pai, estar no mesmo ambiente de trabalho e seguir a mesma profissão, ainda que sem se sentir compatível com o exercício de escrivão, foi a maneira que esse sujeito encontrou de se aproximar mais afetivamente de sua presença e de conservar sua memória:

Tomar aqui o lugar de meu pai na sua profissão foi o caminho mais viável que então encontrei para num só passo prover o meu sustento e prolongar a sua presença junto



a mim. Folheio os mesmos livros encardidos com o suor de suas mãos, e onde traslado escrituras e procurações; cumpro, talvez com igual má vontade, os mesmos despachos judiciais, utilizando os seus velhos carimbos de que apenas raspei a canivete o primeiro nome [....]. Cumprindo assim esse ritual moroso e repetitivo, me torno um sujeito áspero, diminuído e desagradado, mas mesmo assim vou regando a sua intimidade de que gozei tão pouco, e me faço guardião de sua memória (Dantas, 2013, p. 83).

Tendo em vista que a memória não é um ato somente individual, mas igualmente coletivo, é comum fazermos “apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (Halbwachs, 1990, p. 25). Em *Coivara da memória*, esses testemunhos foram importantes para o escrivão conhecer um pouco mais sobre a história de seu pai – contra a gente do engenho, que “de tudo fazia para que eu o desalojasse da memória” (Dantas, 2013, p. 244) –, ajudando-o a fazer um retrato mais preciso de sua pessoa e ampliando as informações sobre os acontecimentos que antecederam a emboscada que culminou na sua morte, por ele presenciada quando jovem:

Só muito mais tarde, levado pela desconfiança dessa gente calada, e já cutucado pela carência de meu pai, é que fui buscando informações fora da roda da família, me inteirando dos atributos de sua natureza tão perto da minha, e de certos episódios que ocuparam o curso de sua vida (Dantas, 2013, p. 44).

O escrivão também se vale dos testemunhos dos mais velhos de Rio-das-Paridas para acessar a memória da origem de sua família materna, descendente de Costa Lisboa, fundador da cidadezinha. A viagem do protagonista a esse passado remoto mostra a sua busca para compreender a construção da identidade dessa fa-

mília afamada pelo exercício do poder na região, da qual ele difere ou tenta diferir. De acordo com Michael Pollak (1992), a identidade é um fenômeno que se realiza diretamente em referência aos outros, uma negociação do que é aceitável, admissível e confiável. Nesse sentido, é possível inferir que ao desencavar a memória de seus mortos o protagonista não busca apenas nos seus antepassados a força necessária para enfrentar de cabeça erguida o júri e a experiência do cárcere, mas também uma negociação de sua identidade, tendo como referência a identidade da sua família e da região: "Na verdade, conciliar o temperamento choco e subtraído que apanhei desses meus antepassados, com a ardência e a desenvoltura da banda de meu pai – tem sido a minha peleja. E que peleja!" (Dantas, 2013, p. 83). Certamente, é na procura do protagonista em equilibrar as duas partes de sua origem que se encontra o grande papel da memória na narrativa, haja vista que sem memória não existe passado, não existem critérios a serem negociados. Sem a memória,

[...] o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si (Candau, 2011, p. 59-60).

O avô do escrivão é seu grande modelo identitário, seu antepassado mais prezado: "Deste avô muito brusco e sério, agrada-me até a sua aspereza, o sim-sim e o não-não de quem aprendeu a enfrentar as adversidades sem ardeios e evasivas, ali no peito aberto e na palavra lealdosa" (Dantas, 2013, p. 88). Apesar disso, o olhar adulto do escriturário já não traz mais a admiração cega que em outros tempos o menino nutria. A mudança de percepção sobre o avô dá-se porque, ainda que o velho senhor de engenho tenha sido um homem de critérios admiráveis, o escrivão enxerga que seu caminho de homem honrado e respeitado sempre este-

ve cercado por privilégios: primogênito, herdeiro, nascido em uma região marcada pelo patriarcalismo e, ainda por cima, descendente de Costa Lisboa, importante mandatário local. Tais fatores já não passam despercebidos ao neto:

[...] a reputação tão decente desse meu avô, e por tanto tempo falada... já não me exalta ou desvanece como antigamente, isto porque, além de se originar em atributos de honradez que já não me sacodem com tanta veemência o coração inflamado onde também lateja um outro sangue – me parece deveras esmaecida pelo estatuto ponderável das contingências (Dantas, 2013, p. 97).

O narrador, então, compreende que, enquanto o avô teve uma vida marcada por privilégios, sua avó, ainda menina, “foi duramente empurrada para o trabalho. [...] Sem outra escolha, logo cedinho foi se despegando da infância, obrigada a manter parceria com os adultos que se levantavam para a labuta” (Dantas, 2013, p. 99), além de ter sido entregue para se casar com um homem desconhecido. O escrivão relata que o então futuro marido, seu avô, ainda bem jovem, após resolver constituir família, sem aviso, vai à casa do futuro sogro e pede uma de suas filhas em casamento, sendo as jovens meninas postas para seleção: “Do bojo de sua firmeza, sem jamais haver consultado a preferida, e sem hesitações ou titubeios, ele optou pela mais velha entre as seis, a mais miúda e franzina, apertada entre as outras, e quase despercebida” (Dantas, 2013, p. 119). Fechado o negócio, já casada e senhora do novo engenho, essa mulher comumente retraída passa a se dedicar às obrigações de dona de casa, a cuidar e servir ao marido, aos filhos e netos, e ainda aos irmãos e cunhados solteiros. De uma vida dedicada à família, teve como única extravagância um pequeno espaço na propriedade rural, onde cultivava um roseiral: “Ah! a rosa sangria! Dentre todas, a de tua maior predileção!” (Dantas, 2013, p. 309). Também ele se converte, aos poucos, em espécie de local de memória, capaz de aflorar lembranças da vida na região.

Em vários momentos o escritor refere-se a essa vida laboriosa de sua avó, analisando as renúncias, e finalmente vislumbrando os critérios admiráveis dessa mulher, critérios esses despercebidos – ou desprezados? – por todos os homens da família, até mesmo pelo próprio marido, que, embora tenha lhe dedicado um amor todo particular, “tinha uma maneira muito estranha de reparar em ti: não abrandava as exigências, recriminava com o rabo do olho os ócios que jamais tiveste, não te dirigia falas amorosas, esquecido de que também se vive de palavras” (Dantas, 2013, p. 208). Para o neto, a rudeza do avô, assim como dos demais homens desse “pedaço de chão”, é reflexo de um lugar em que “as delicadezas amorosas eram atributos apenas femininos” (Dantas, 2013, p. 208). Segundo Glauciane Reis Teixeira (2010, p. 61), ao registrar o sujeito feminino na história, o narrador protagonista quebra com certa tradição da sociedade machista, tão característica de uma região marcada pelo patriarcalismo como aquela representada na obra. Além disso, conforme aponta a pesquisadora,

[...] lembrar a avó, destinar-lhe um espaço na narrativa, é a forma que o narrador encontra para redimir-se, para desagrar o peso da consciência que o persegue pelo fardo imposto e a indiferença lançada a ela. Além de resgatar a sua invisibilidade histórica, restitui-lhe o espaço da dignidade merecida, a qual foi ofuscada e silenciada diante das contingências totalizadoras e excludentes por parte do sistema da sociedade açucareira (Teixeira, 2010, p. 62).

Em face do exposto, é perceptível que o passado se adapta às percepções atuais do escritor, de maneira que, ao voltar novamente os olhos para a vida dos seus avós, o protagonista já não enxerga mais esses antepassados do mesmo modo. Ao que tudo indica, a reclusão forçada e o consequente tempo destinado à rememoração como forma de se deslocar, ainda que mentalmente, para além da prisão, tornam possível um reexame crítico das relações sociais comuns àquele espaço. Assim, embora o afeto e a devoção permaneçam os mesmos, seu avô, outrora tão cheio de grandiosidade, se

apequena quando o neto, agora homem feito, percebe que boa parte de seu poder era efeito dos privilégios. Em contrapartida, sua avó, noutro tempo pequena e frágil aos olhos do menino, mostra agora sua força e resistência. É como se, em certa medida, a imagem de grandeza antes depositada no avô fosse agora também compartilhada com sua avó. As mudanças na maneira de vislumbrar esses sujeitos, que já não fazem parte de sua vida, ocorrem porque, nas palavras do sociólogo Maurice Halbwachs,

É depois da morte de alguém que a atenção dos seus se fixa com maior força sobre sua pessoa. É então, também, que sua imagem é menos nítida, que ela se transforma constantemente, conforme as diversas partes de sua vida que evocamos. Em realidade, nunca a imagem de um falecido se imobiliza. À medida em que recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela (Halbwachs, 1990, p. 74).

Em suma, apesar de o protagonista de *Coivara da memória* olhar com criticidade para os costumes e hábitos de sua região, não há dúvidas de que ele se sente pertencente a este lugar. Durante todo o seu percurso rememorativo, o escritor não esboça raiva ou revolta porque nasceu e cresceu, nem por ainda viver nesse pequeno pedaço de município; pelo contrário, embora esse espaço também seja um lugar marcado por mortes e perdas significativas, o seu desejo é permanecer: “Mesmo que o veredicto final me seja o mais favorável possível, certamente não mudarei sequer de espaço físico. Continuarei morando aqui com tia Justina, gastando a vista nas letras esmaecidas dos velhos documentos” (Dantas, 2013, p. 355). Assim, aparentemente, a crise de identidade do escritor está intimamente relacionada à sua origem familiar materna. É o sangue dos Costa Lisboa, carregado de falsa moral e



de práticas coronelistas que perpetuam seu poder regional, que o incomoda profundamente: “Apesar de ciente das diferenças que me separam da família de meu avô, também sei que toda a casta de Costa Lisboa continua a viver encastuada aqui nas entranhas” (Dantas, 2013, p. 81).

Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 75), a identidade se estabelece na diferença, o que implica dizer que a identidade é produzida a partir de um processo de diferenciação. Aquilo que o sujeito não é também constitui sua identidade. Além disso, conforme o estudioso, podemos “dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder” (Silva, 2000, p. 81). Por essa perspectiva, é possível sustentar que o protagonista de *Coivara da memória*, que nem sempre pôde abraçar suas preferências, “não raro tragadas pela violência das imposições” (Dantas, 2013, p. 83), deseja agora anunciar suas diferenças em relação à sua família, os Costa Lisboa, com o intuito de negociar e afirmar sua identidade em relação à região e seus habitantes e ressignificar o passado. Porém, essa parece ser uma tarefa difícil para o protagonista. No final do romance, ao refletir sobre toda sua ruminação, o escrivão percebe que desse reencontro com seus mortos tudo que conseguiu foi recuperar a orfandade que já tinha e se deixar empestear pela cantiga das tumbas.

## 4 Considerações finais

Talvez as imagens da tumba, da morte e do arquivo – já que o protagonista se encontra recluso em um cartório rememorando seus mortos – fossem oportunas para refletir sobre como Francisco J. C. Dantas recupera e ressignifica a tradição regionalista na literatura brasileira. Esse conjunto de imagens seria pertinente, inclusive, quando se considera a forma como a crítica brasileira tem lidado com essa vertente literária ao longo do tempo, mas não menos apropriadas são as questões da memória e da identidade, tendo em vista o modo como Dantas as explora em *Coivara da memória* para lançar um olhar crítico sobre uma região e seu passado, o que justifica que sejam privilegiadas nesta análise.

O fato de o regionalismo não ser compreendido, por uma parcela considerável da crítica literária brasileira, como uma tradição a ser continuada, mas como movimento literário secundário que deveria ser superado, talvez seja um dos motivos que dificultam a emergência de leituras consistentes acerca de escritores contemporâneos que trazem em suas obras reapropriações e ressignificações desse legado literário. Nesse sentido, é preciso pontuar que textos como *Coivara da memória* dão forma a uma espécie contemporânea de regionalismo crítico, que não ignora a tradição artística nacional nem o passado histórico do país e de suas regiões, justamente porque a partir desse conhecimento se estruturam seus enredos, personagens e espaços de modo suplementar à tradição literária já existente.

Essa recuperação judiciosa da série literária pode ser vista, por exemplo, na representação espacial operada pelo texto, que manifesta certo telurismo em diversos momentos, como na ligação afetiva do escritor com a velha paineira do engenho, num procedimento estético característico da vertente regionalista desde o século XIX. Do mesmo modo, percebe-se no narrador o luto pelo desaparecimento do lugar de sua infância, pela falência do engenho e pela derrocada das relações familiares, o que o conecta a temas e imagens comuns ao regionalismo, especialmente ao Romance de 30. Não obstante, o saudosismo do personagem elaborado por Dantas não procede à reconstrução memorialística de um espaço idealizado; pelo contrário, o protagonista tem uma visão crítica da região e de seus habitantes, das relações familiares e políticas e de seu lugar na história. Por conseguinte, Dantas não apenas dialoga com a tradição, mas também a renova ao trazer para o centro do debate temas pertinentes à contemporaneidade, como questões relacionadas à identidade, ao sentimento de pertencimento, ao patriarcalismo e ao silenciamento da mulher. Em *Coivara da memória*, esses elementos são submetidos a um tratamento estético que recusa qualquer ufanismo, o que sinaliza a particularidade desse fazer literário e desse regionalismo crítico, que não ignora a tradição, mas tampouco a repete.

Por meio da criação de um personagem recluso, forçado ao cárcere devido a um crime que diz não ter cometido e cujo julgamento o leitor desconhece, Francisco J. C. Dantas logra passar em exame as cinzas da memória individual, familiar e social. Com isso, põe em escrutínio relações de poder comuns a diversos espaços rurais e periféricos do Nordeste brasileiro ao longo da história, conforme já explorado com sucesso por nomes relevantes da literatura brasileira em muitas oportunidades e segundo variadas perspectivas estéticas. No caso de Dantas, o êxito alcançado reside não na recusa, mas no aproveitamento desse legado, no diálogo com os poetas mortos, com os ancestrais mencionados por T. S. Eliot (1989, p. 38) como fonte da individualidade de uma obra, de modo a recuperar e ressignificar o passado em chave contemporânea.

Não há como negar que o regionalismo brasileiro é oriundo de uma produção literária programática e utópica em seus primórdios. Entretanto, os estudos referentes ao tema mostram ser também inegável que tal literatura passou por transformações ao longo dos anos. Logo, “a maneira como textos literários regionalistas se apropriam do material fornecido pela tradição igualmente sofre mutações, de modo que a ficção atual já não se apresenta utópica ou programática como nos séculos passados.” (Pelinser; Alves, 2020, p. 12). Em *Coivara da memória*, Francisco J. C. Dantas dialoga com a tradição sem retomar práticas de produção literária obsoletas, de modo que seu trabalho com o material regionalista acrescenta modulações contemporâneas à série literária brasileira.

## Referências

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*, em quatro volumes: volume III. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 1203-1211.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CHIAPPINI, Ligia. Velha Praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, 1994. p. 665-702.

CHIOSSI, Eliana Mara de Freitas. Coivara da memória: releitura e reescritura da regionalidade. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n. 3, p. 81-91, 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/420/368>. Acesso em: 11 ago. 2020.

COELHO, Marcelo. Pastiches parnasianos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs060416.htm>. Acesso em: 7 dez. 2020.

DANTAS, Francisco J. C. *Coivara da memória*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

DANTAS, Francisco J. C. Um artesão à deriva. [Entrevista concedida a] Luiz Rebinski. *Jornal Rascunho*, Curitiba, n. 239, p. 6-8, mar. 2020. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/um-artesao-a-deriva/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

ELIOT, Thomas Stearns. *Ensaaios*. São Paulo: Art Editora, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 297-327.

PAES, José Paulo. No rescaldo do Fogo Morto. In: DANTAS, Francisco J. C. *Coivara da memória*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 7-12.

PELINSER, André Tessaro; ALVES, Márcio Miranda. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, p. 1-13, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/29322>. Acesso em: 21 out. 2020.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Regionalismo. In: PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 175-183.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 25 mar. 2025.

O ESTADO de S. Paulo. *O que restou do regionalismo?* São Paulo, 6 dez. 2008. Cultura/Artes. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,o-que-restou-do-regionalismo,289826>. Acesso em: 01 maio 2021.

SANTINI, Juliana. A formação da literatura brasileira e o regionalismo. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 69-85, 2011. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/3364/329](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3364/329). Acesso em: 04 nov. 2020.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, Sobral, v. 4, n. 1, p. 43-53, 2002. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/77>. Acesso em: 14 maio 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

TEIXEIRA, Glauciane Reis. *O desvelar do silêncio em Coivara da memória, de Francisco Dantas*. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24850>. Acesso em: 19 maio 2021.



## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.